

A tragédia do ensino público

CORREIO BRAZILIENSE

28 JUL 1993

07

Arnaldo Niskier

Durante a experiência vivida na Secretaria Estadual de Educação, pelo período de quatro anos, a maior preocupação da minha equipe foi o resgate da qualidade do ensino público. Já se escrevia muito sobre o fracasso escolar, envolvendo a grande questão do magistério, mas as causas eram (e são) bem mais complexas. Até que ponto a sociedade brasileira deseja uma escola de Primeiro Mundo? As autoridades parecem não demonstrar esse interesse.

Veja-se o problema dos conteúdos programáticos. Em concursos internacionais, ficamos em posições abaixo da crítica em matérias essenciais, como Ciências e Matemática. Há países africanos em melhor situação do que o nosso. Chega a ser quase inacreditável que isso ocorra com o ensino básico brasileiro.

Inconformado com isso, o educador Walfrido Mares Guia, que dirige a Secretaria de Educação de Minas Gerais (a segunda maior do País), resolveu promover uma avaliação em Matemática, Ciências, Português, História e Geografia, envolvendo cem mil alunos da oitava série do ensino fundamental público. Objetivo: elaborar um plano de aperfeiçoamento nas seis mil 500 escolas públicas do Estado, nele envolvendo toda a comunidade educacional.

Os resultados não chegaram a surpreender, por serem sempre previsíveis. Na prova de Ciências, o índice de acerto foi de apenas 39 por cento, na de Matemática, 41 por cento, na de História, 42 por cento.

Se nossos jovens alcançam assim a oitava série — e dificilmente serão reprovados, por um conjunto de fatores discutíveis —, o que se pode esperar da sua conduta escolar no

ensino médio? É exatamente nesse nível que se aguçam as diferenças sociais e passam a dispor de maiores e melhores oportunidades de acesso ao ensino superior os que têm condições econômicas e financeiras de frequentar as chamadas escolas de elite.

A tragédia da escola pública consolida um quadro de injustiça social que não pode perdurar. Nada disso se resolve por decreto ou apenas mediante boas intenções. O diagnóstico aí está, como o que foi feito em Minas Gerais, mas é válido para o Brasil inteiro. A solução começa por uma ampla reformulação dos incentivos devidos ao magistério, somando melhor formação a salários compatíveis.

Arnaldo Niskier, jornalista e professor, é membro da Academia Brasileira de Letras